

Notas de parecer sobre as metas curriculares do Departamento de Ciências Sociais e Humanas (Geografia e História e Geografia de Portugal)

O Departamento de Ciências Sociais e Humanas elaborou um parecer sobre as supostas metas curriculares do 2º e 3º ciclo tendo em conta dois aspectos: as supostas metas em nada contribuem para a melhoria do ensino, sendo irrealistas e empobrecedoras ao nível do que deve ser a principal função do ensino; em segundo lugar, a terminologia e orientação pedagógica e científica é confusa e inadequada.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, existe concordância parcial entre o parecer da APG e o grupo de Geografia da Escola EB 2,3 Mestre Domingos Saraiva, nomeadamente no que diz respeito a:

- 1) A exclusão do 9º ano quebrando assim a perspectiva de ciclo.
- 2) A terminologia utilizada – em alguns casos estipula-se que o aluno deve conhecer e compreender e noutros que o aluno deve só compreender, sem a existência de uma lógica que justifique essa “diferente” abordagem ao nível dos conteúdos.
- 3) Um número elevadíssimo de descritores tendo em conta a carga horária atribuída à disciplina.
- 4) Insiste-se em não ter em conta que a maturidade cognitiva dos alunos torna muito difícil a obtenção de bons resultados em temas como o Clima (não é normal insistir no erro crasso de ensinar este tema no 7º ano quando os resultados são francamente maus dada a complexidade do tema em questão – o que implicaria a reformulação do programa do 3º Ciclo).
- 5) A Geografia não poder ser a soma de conhecimentos enciclopédicos. É urgente utilizar a disciplina que aborda, por excelência, temas actuais que são determinantes para o bom funcionamento de qualquer sociedade para formar jovens com uma perspectiva progressista e civicamente activos (em articulação lógica e sensata com os saberes de outras disciplinas).
- 6) Repetição de conteúdos ao nível dos vários ciclos.
- 7) Programa e metas surrealistas para o 2º ciclo (principalmente no Quadro Natural da Península Ibérica) onde, apesar de existir uma carga horária semanal de 135 minutos, pressupõe-se que os alunos com 10 anos sejam capazes de “relacionar as variações espaciais da temperatura com os principais fatores de clima”.
- 8) Ainda ao nível da formulação dessas metas salientamos ainda a existência de erros como, por exemplo, o facto dos alunos terem de descrever o clima temperado mediterrânico, o clima temperado marítimo e o clima da região onde habitam. Se vivem em Portugal dificilmente terão “outro” tipo climático para além dos dois referidos (embora existam especificidades em diversas regiões do nosso país).

Existe no entanto discordância no que diz respeito às considerações da OCDE e APG que o ensino deve ser centrado nos alunos. Na nossa opinião o ensino deve ser centrado no ensino (não é redundância) e não nos professores ou nos alunos. Deverá existir uma matriz comum, mas cada escola e cada região contêm em si só especificidades que não devem ser ignoradas

através da implementação de um modelo “espartilhado” e inorgânico que é, no nosso entender, o contrário do grande objectivo universal do ensino: criar cidadãos informados, exigentes e críticos em relação a todos os problemas que afectam o mundo do século XXI.

Por outro lado, como já foi anteriormente referido, consideramos pertinente que a estrutura programática da disciplina seja revista (e não estamos a falar apenas dos objectivos que se transformaram em competências e que agora são metas) de modo a responder da melhor forma aos problemas e desafios do século XXI.

No que concerne ao segundo aspeto, o atual documento das metas curriculares de Geografia que se sujeita a discussão pública, apesar de apresentar uma listagem muito completa de objetivos relativos a conteúdos temáticos, incorre em várias incorreções pedagógicas graves que importa referir:

- 1) Em nenhum aspeto este documento corresponde verdadeiramente à enunciação de metas, nem tão pouco pode adaptar o termo “metas”, pois distancia-se totalmente do projeto das metas de aprendizagem desenvolvido pelo anterior governo constitucional.
- 2) Ao contrário do anterior projeto, este não se encontra concebido na ótica da aquisição e desenvolvimento de competências (nível plurifacetado desde o temático ao atitudinal, passando pelo procedimental), mas sim a partir única e exclusivamente de um leque vasto de objetivos, centrados em conteúdos que, ao contrário do que é referido, não estão referidos nas Orientações Curriculares de Geografia - 3.º Ciclo (2001).
- 3) O facto de estar centrado em conteúdos temáticos funciona como obstáculo e constrangimento de promoção de uma verdadeira educação geográfica que não se deve restringir aos conteúdos temáticos, mas alargar-se aos conteúdos atitudinais (valores, atitudes e comportamentos) e procedimentais (métodos e técnicas específicos da geografia).
- 4) O documento apresentado faz uma apropriação superficial dos termos de “domínio”, “subdomínio” e “descritores”, e a sua aplicação chega mesmo a ser impertinente e perversa, no último caso especificamente, quando confunde a formulação dos chamados “descritores” com a de meros objetivos específicos.
- 5) Na verdade, aparenta, após a leitura do documento, que a lista exhaustiva de objetivos (não descritores) elencados resulta de uma consulta de sugestões de manuais escolares existentes no mercado, não sendo fiel ao espírito das orientações curriculares.
- 6) O referencial das orientações curriculares de 2001 pauta-se por uma grande flexibilidade curricular que, no caso em apreço, não é forma alguma respeitada, pois as “metas” apresentadas têm um carácter prescritivo e normativo, exigindo a sua aplicação uniforme.
- 7) Existe uma total negligência do conceito de competências, não se prevendo níveis de desempenho diferenciados na consecução e desenvolvimento, garante de sucesso escolar.
- 8) Como está formulado, o presente documento revela uma visão estrita e muito limitada da taxonomia de Bloom, concentrando-se no domínio cognitivo, menosprezando o

afetivo e o psicomotor. Por outro lado, no domínio cognitivo verifica-se uma primazia desmesurada nas dimensões do conhecimento e compreensão “conhecer e compreender”, que correspondem aos níveis mais baixos na hierarquia dos conhecimentos, descurando as dimensões da aplicação, análise, avaliação e síntese.

- 9) Por isso mesmo, esta proposta de metas curriculares contraria o espírito aberto e inovador proposto nas orientações curriculares de 2001.
- 10) Finalmente, importava identificar os autores com uma pequena nota bibliográfica, de forma a permitir averiguar da qualificação científico-pedagógica dos mesmos.

24 de abril de 2013

Os professores do Departamento de Ciências Sociais e Humanas da

Escola B2,3 Mestre Domingos Saraiva